

A Última Fase do Desenvolvimento do Pensamento de Marx : *Deuses e Artesãos* *

Theodor Shanin **

Das ist der Weisheit letzter Schlu:
Nur der verdient sich Freiheit wie das Leben
Der taglich sie erobern mu!

Esta é a sabedoria final, sempre verdadeira:
Somente ganha sua liberdade e sua vida
Quem as conquista diariamente de uma nova forma.

(Goethe, *FAUSTO II*)

*) Publicado originalmente em inglês sob o título "LATE MARX: Gods and Craftsmen", in SHANIN, T. Editor: *Late Marx and the Russian Road. Marx and the Peripheries of Capitalism*. London Routledge & Kegan, 1984. pp.3-39. (Tradução de Josefa Salette B. Cavalcanti, Professora Adjunto do Departamento de Sociologia e Antropologia do Centro de Humanidades da UFPb, Ph.D. em Sociologia pela Universidade de Manchester, Inglaterra.

O autor agradece aos que, por comentários ou ajuda na coleta dos dados, contribuíram para este artigo: Perry Anderson (London), Michael Barratt-Brown (Baslow), Zygmunt Bauman (Leeds), Isaiah Berlin (Oxford), Phillip Corrigan (London), Arghiri Emmanuel (Paris), Leo Halmson (New York), Harry Magdoff (New York), M. Mchedalov (Moscow), Sidney Mintz (Baltimore), Derek Sayer (Glasgow), Paul Sweezy (New York), Eric Wolf (New York) e o grupo editorial do Grupo de Trabalho sobre História.

**) Theodor Shanin é professor do Departamento de Sociologia da Faculdade de Estudos Econômicos e Sociais da Universidade de Manchester, Inglaterra.

I — Pondo ordem na mudança

O volume de *O Capital* de Marx foi simultaneamente o ponto alto da Economia Política Clássica e sua re-interpretação mais radical. Ele ofereceu um modelo fundamental, construído sobre a clássica "teoria do valor" das economias sociais industrialmente mais avançadas do seu tempo. Desenvolveu e colocou no centro da análise a teoria da acumulação através da exploração e, portanto, dos conflitos de classe e da transformação social estruturalmente determinados - a teoria da "mais valia". É, portanto, "a auto-consciência da sociedade capitalista ... basicamente uma teoria da sociedade burguesa e de sua estrutura econômica¹". Mas, em benefício da verdade deve-se datá-lo e localizá-lo - territorial e politicamente. A data é aquela anterior a 1870, do florescimento do capitalismo industrial "privado". O lugar é a Europa Ocidental e seu foco a Grã-Bretanha. O contexto político é o do desafio socialista ao *status quo*, a demanda para transformar os bens materiais e o potencial que o capitalismo industrial tinha produzido, numa base para uma sociedade justa - "Construir Jerusalém na terra verde e agradável da Inglaterra"². Na linguagem Hegeliana apreciada por Marx, a estrutura teórica de *O Capital* seria, portanto, a negação dialética da Economia Política, a auto-consciência do capitalismo transformando-se, ao seu nível mais alto de realização, em crítica de suas verdadeiras raízes, seu desmascaramento, e portanto, sua subversão e transformação.

Datar e localizar *O Capital* é também abrir um conjunto maior de questões referentes ao desenvolvimento do pensamento de Marx no período seguinte. O ponto central para isto é a década de 1872-1882 da vida de Marx, em que havia uma crescente

1) Luckács definiu deste modo o domínio mais geral mas inclusivo do "materialismo histórico em sua forma clássica". G. Luckács. HISTORY AND CLASS CONCIIOUSNESS, Cambridge, Mass., 1971, p.299. Um comentário de Harry Magdoff: "Isto não está errado mas eu preferiria ao descrever o que é o Vol. I de *O Capital* enfatizar as leis de movimento do capitalismo, sua evolução e sementes de sua transformação.

2) Para os não iniciados na cultura política britânica, essas são palavras do "Milton" de William Blake, ainda cantada como um hino nas convenções do Partido Trabalhista. A Nova Jerusalém era a anti-imagem de Blake aos 'negros e satânicos moínhos' do capitalismo do século XIX: suas fábricas, suas igrejas.

interdependência entre a análise de Marx, as realidades da Rússia, e o movimento revolucionário russo - um precursor misterioso do que viria a ocorrer em 1917. As questões são referentes à teoria da transformação social - de ordenar a mudança não apenas dentro do capitalismo. Para compreender isto, pode-se bem começar com *O Capital* mas não se pode parar nele.

A força de *O Capital* está em sua apresentação sistemática global, crítica, historicamente sofisticada e empiricamente substanciada, do modo como um tipo de economia recém-criado - a economia capitalista da época, na Grã-Bretanha, tinha influído ao nível da sociedade. De especial significância tem sido o uso mais geral deste modelo para outras sociedades nas quais o capitalismo tem estado, desde então, em ascensão manifesta e rápida. Suas limitações, como seus pontos fortes, são "filhos do seu tempo" - os tempos do avanço e expansão da "Revolução Industrial", a origem e crescente aplicação da ciência e a difusão das filosofias políticas de evolução e progresso da Revolução Francesa. No centro estava o evolucionismo - o arqui-modelo intelectual daqueles tempos, como proeminente nos trabalhos de Darwin e na filosofia de Spencer, no positivismo de Comte e no socialismo de Fourier e Saint Simon. Evolucionismo é, essencialmente, uma solução combinada para os problemas de heterogeneidade e mudança. A diversidade de formas físicas, biológicas e sociais é ordenada e explicada pela suposição de um desenvolvimento estruturalmente necessário através de estágios que o método científico deve descobrir. A diversidade de estágios explica a diversidade essencial das formas. A força desta explicação encontra-se na aceitação da mudança como uma parte necessária da realidade. Sua principal fraqueza era o determinismo unilinear e o otimismo nela introduzidos: o progresso através de estágios significava, também, a ascensão universal e necessária a um mundo mais agradável aos espíritos humanos ou mesmo ao "espírito absoluto" ou ao próprio Deus. A epistemologia materialista de *O Capital*, a aceitação dialética de contradições estruturais e de possíveis retrocessos temporários dentro do capitalismo, a objeção à tecnologia, não descartou o problema central do evolucionismo. "O país que é mais desenvolvido industrialmente estava ainda destinado "apenas (a) mostrar, ao menos desenvolvido, a imagem do seu

próprio futuro". Sem dúvida este era um assunto de "leis naturais desenvolvendo-se com necessidade de ferro"³.

Todavia, a mente de Marx não estava evidentemente satisfeita com as simplicidades unilineares do esquema evolucionista. A riqueza da evidência, por ele estudada, militava contra isto e assim também seu próprio treinamento dialético e epistemologia preferida. Da mesma forma, a razão porque foi a área Noroeste da Europa que alimentou a primeira edição do modo capitalista de produção estava ainda para ser descoberta. Uma admissão de simples acidente estaria distante dos requisitos de Marx para uma ciência da sociedade. Em consequência e já por volta de 1853, Marx tinha elaborado e posto em uso os conceitos de Despotismo Oriental e do Modo Asiático de Produção, seu sinônimo próximo, como principal suplemento teórico e alternativo às explicações unilineares⁴.

O novo mapa das sociedades de Marx assumia a co-existência global de formações sociais potencialmente progressivas e de outras essencialmente estáticas e "a-históricas". A natureza de tais sociedades estáticas, de Despotismo Oriental, foi definida pela combinação de características ambientais e sociais: grandes extensões de terras áridas e agricultura hidráulica necessitando de esquemas centrais de irrigação, um Estado poderoso, monopólio

³) K. Marx, *Capital*, Harmondsworth, 1979, Vol. I, p. 91. A mesma idéia também expressa por Marx como um artifício heurístico, modelado especificamente pelas ciências naturais: "A anatomia humana contém a chave para a anatomia do macaco ... (que) pode ser entendida apenas depois que o animal da origem mais elevada é já conhecido". Karl Marx, *Grundrisse*, Harmondsworth, 1973, p. 105 (tradução um pouco ajustada).

⁴) Ver *O Domínio Britânico na Índia*, escrito em 1853, em K. Marx e F. Engels, *Selected Works*, Moscow, 1973, Vol. I. E. Hobsbawm descreveu o conceito como 'a principal inovação na mesa dos períodos históricos introduzido no período em que *Grundrisse* foi escrito, isto é, 1857-8, para isso veja K. Marx, *Pre-Capitalist Economic Formations*, London, 1964, p. 32 (Introdução). Ver também M. Godelier, Prefácio à *Sur les sociétés pré-capitalistes*, Paris, 1970, L. Krader, *The Asiatic Mode of Production*, Assen, 1975 e M. Sawyer, "The concept of the Asiatic Mode of Production and Contemporary Marxism" in: S. Avineri, *Varieties of Marxism*, The Hague, 1977 e nota 7 abaixo. Para um bom resumo do debate soviético sobre esta matéria por um "scholar" soviético contemporâneo ver V. Nikoforov, *Vostok i Vsemirnaya Istoriya*, Moscow, 1975 e E. Gelner, *Soviets against Wittfogel* (Tese de Mestrado não publicada).

estatal sobre terra e trabalho e milhares de pequenas comunidades rurais tributárias do Estado. Parafraseando Hegel, Marx viu tais sociedades como "perpetuando a existência vegetativa natural"⁵, isto é, revelando mudanças cíclicas e quantitativas enquanto não possuíam, em si, mecanismos para a necessária transformação social. A lista de casos de Marx incluía China, Egito, Mesopotâmia, Turquia, Pérsia, Índia, Java, partes da Ásia Central e América Pré-Colombiana, Espanha Moura, etc., etc., e também, menos definitivamente a Rússia, definida como caso Semi-Asiático⁶. A heterogeneidade da sociedade global, as histórias diferenciadas de suas partes, poderiam ser mais facilmente postas e explicadas por um esquema heurísticamente mais rico - uma combinação de estágios evolutivos das sociedades em progresso e dos Despotismos Orientais a-históricos, com espaços abertos entre estes, para outras categorias tais como "semi-asiático"⁷. O Capitalismo aparece como unificador global que absorve as sociedades a-históricas de Despotismo Oriental e as põe no caminho para o progresso, isto é, dentro do cenário histórico. Uma vez que tal obstáculo é removido,

5) Hegel, *The Philosophy of History*, London, 1978, p. 168. A metáfora orgânica é particularmente apropriada, pois nenhuma sociedade é considerada estacionária em sentido mecânico, "estagnação" significa a ciclicidade total de processos dentro dela.

6) A Rússia não tinha, naturalmente, determinantes "hidráulicos". Foi o impacto da militarização e conquista extensiva que foi considerada como tendo dado forma ao estado e sociedade russa numa maneira "oriental".

7) A atração do conceito de Despotismo Oriental como um suplemento ao modelo dinâmico de *O Capital* é ainda forte. Para casos bem debatidos pró e contra, o uso contemporâneo do conceito dentro da análise marxista, uma questão que não nos preocupa diretamente aqui, ver Melotti, *Marx and the Third World*, Londres, 1977 e P. Anderson, *Lineages of the Absolutist State*, Londres, 1970, Apêndice B. O livro recente de R. Bahro, *The Alternative in Eastern Europe*, Londres, 1977, tornou cega a parte conceptual aliada do termo ao usá-lo como uma categoria residual para tudo que é contemporâneo, mesmo que não seja socialista ou capitalista. A explicação mais importante para a atitude de Marx para com a heterogeneidade dos desenvolvimentos alternativos das sociedades àquela sugerida é a explicação de Hobsbawm em sua introdução à *Formações Econômicas Pré-Capitalistas*, ver *Pre-Capitalist Economic Formations* pp. 36-8. (Trad. em Português, N.T.). Hobsbawm afirma que à exceção singular da transformação do feudalismo para o capitalismo, os "estágios" de desenvolvimento social de Marx têm que ser entendidos como categorias analíticas e não cronologicamente.

as leis de ferro da evolução assumem, finalmente, seu ritmo global e universal.

A atitude de Marx para com o colonialismo, que foi por muito tempo um embaraço para alguns dos seus adeptos no Terceiro Mundo, era plenamente consistente com aquelas idéias. Marx abominava a opressão colonial, como também a hipocrisia de suas muitas justificativas, e afirmou isso em termos precisos. Ele o aceitava como um estágio possível no caminho do progresso para o capitalismo mundial, isto é, como um passo fundamental e positivo, embora terrível, no longo caminho para a Nova Jerusalém de homens livres.

No último período de seu trabalho, Marx deu um passo adiante, para uma mais complexa e mais realística conceptualização da heterogeneidade global, dinâmica e interdependência de formas sociais. A mudança, como vista por Marx, tomou forma como um pensamento posterior ao volume I de *O Capital* (publicado inicialmente em 1867) e refletia a nova experiência e evidência dos anos de 1870.

Quatro eventos apresentam-se como marcos, na base política e intelectual, para o pensamento de Marx neste período. Primeiro, a comuna de Paris de 1871 ofereceu uma lição dramática e um tipo de regra revolucionária nunca antes conhecida. A verdadeira aparência da "aurora da grande revolução social que deveria livrar para sempre a humanidade da sociedade dividida em classes"⁸, alterou os termos de estabelecimento da sociedade socialista e estabeleceu um novo cronograma contemporâneo a esta. Também forneceu o "crescendo" final às atividades de Marx na primeira Internacional que terminou em 1872, a ser seguido por um período de reflexão. Segundo, um avanço maior dentro das ciências sociais ocorrido durante os anos de 1860 e 1870: a descoberta da pré-história que "estendeu a noção de tempo histórico por algumas dezenas de mil anos e trouxe sociedades primitivas para dentro do círculo do estudo pela combinação de estudo de restos de materiais com aqueles da etnografia"⁹; o impacto fascinante desses acontecimentos na compreensão geral da sociedade humana foi

⁸) K. Marks i F. Engels, *Sochineniya*, Moscou, 1961, Vol. 18, p. 51, escrito por Marx em 1872.

⁹) R. Samuel, *Sources of Marxist History*, *New Left Review*, 1980, nº 120, p. 36. Ver também Kikoforov, op. cit., pp. 81-103.

considerável, tomando como centro, como foi feito, as "idéias dos homens e os ideais de comunidade"¹⁰ - na época como agora, o núcleo central da filosofia social européia. Terceiro, e associado com os estudos da pré-história, estava a extensão do conhecimento de sociedades rurais não-capitalistas entrelaçadas no mundo capitalista, especialmente as obras de Maine, Firs e outros sobre a Índia. Finalmente, a Rússia e os russos ofereceram a Marx a potente combinação de tudo o que foi mencionado: rica evidência sobre comunas rurais ("arcaicas" mas evidentemente vivas num mundo de triunfos capitalistas) e de experiência revolucionária direta, tudo cercado pela teoria e prática do populismo revolucionário russo.

A relação entre os novos desenvolvimentos no pensamento de Marx e suas conexões russas foi meticulosamente, embora dramaticamente, documentada no trabalho de Haruki Wada tornando uma variedade de peças estranhas, re-escritos, emendas e aparente ambivalência dos últimos escritos de Marx, em um todo consistente¹¹. Ao final da década Marx tornou-se cada vez mais consciente de que ao lado da Rússia retrógrada oficial, que ele tão frequentemente atacou, como o foco e a defensora da reação européia, havia crescido uma Rússia diferente, de aliados revolucionários e "scholars" radicais, altamente envolvidos com seu próprio trabalho teórico. Foi na língua Russa que a primeira tradução de *O Capital* foi feita, uma década antes da tradução inglesa. Foi da Rússia que vieram as notícias de ação revolucionária, relegando tudo o mais contra o declínio das esperanças revolucionárias na Europa Ocidental depois da Comuna de Paris.

De 1870 a 1871, Marx estudou russo com o propósito de abordar diretamente a realidade e o debate publicado naquela língua.

¹⁰) R. Nisbet, *The Social Philosophers*, St. Albans, 1973, p. 11. Nisbet descreveu a questão de comunidade como o eixo principal de toda a história da Filosofia Social Ocidental.

¹¹) H. Wada, *Marx e a Rússia Revolucionária* (ver p. 40; do livro *Late Marx and the Russia Road*, N.T.). O trabalho de Wada se destaca quando comparado com o trabalho dos analistas que "sabiam tudo isso", isto é, estavam alertas sobre a evidência, todavia tiraram pouco dela. Ver por exemplo, os comentários editoriais em K. Marx e F. Engels, *The Russian Menace to Europe*, Glencoe, Illinois, 1952, e muitos equivalentes soviéticos a isso, especialmente na década de 1930.

Numa carta a Engels, sua esposa reclamava da maneira como ele se aplicava à nova tarefa - "ele começou a estudar russo como se isso fosse matéria de vida ou morte"¹². Marx procedeu, com similar vigor, a estudar as fontes russas, e transformou os livros dos "scholars" russos mais radicais em seus livros-textos de linguagem, começando por Herzen e dando atenção particular a Flerovskii e Chernyshevskii. A principal biblioteca de livros russos, anotados, re-anotados, acumularam-se rapidamente em suas estantes e seus resumos entraram cada vez mais em suas notas¹³.

O que se seguiu foi um longo e relativo silêncio, que em si requer uma explicação - Marx não publicou qualquer coisa substancial até sua morte. Todavia, a direção em que sua pesquisa e pensamento estavam se movendo emerge das correspondências, notas e re-edições. Numa carta a Engels em 1870, Marx louvava a descrição, feita por Flerovskii, das "classes trabalhadoras" da Rússia - uma análise populista das mais importantes, como o "livro mais substancial, desde o seu *A condição da Classe Trabalhadora*".¹⁴ Ele o adicionou, subsequentemente, à lista restrita de teóricos que ele respeitava e publicamente aplaudia, em um grau previamente concedido apenas a Engels, o nome de Nikolai Chernyshevskii. Em 1877, Marx repreendeu, numa carta, a "teorização supra-histórica", isto é, uma interpretação evolucionista de seus próprios escritos relacionados à Rússia, e rejeitou-a de novo, muito mais especificamente, em 1881 em relação à comuna camponesa russa. A afirmação de Marx daqueles tempos sobre ele próprio "não ser um marxista" estava se tornando verdade com ênfase particular no que se relacionava à Rússia.

12) M. Rubel e M. Manale, *Marx Without Myth*, Oxford, 1975, p. 252.

13) *Marks Istorik*, Moscow, 1968, p. 373. O livro oferece uma contribuição importante para toda a questão discutida. O primeiro e mais importante estudo de relevância é aquele sobre *Marx's Russian Library* escrito por B. Nikolaevskii e publicado in *Arkhiv K. Marksa i F. Engelsa*, Moscow, 1929, vo. 4.

14) *Marks i Engels*, op. cit., vol. 32, p. 358. Marx usou claramente o superlativo "most" (mais) ao tipo do livro, isto é, as descrições analíticas das classes plebéias contemporâneas. Duas décadas mais tarde, Plekhanov trabalhou duro para explicar como fora mal-informado o comentário de admiração de Marx sobre este livro evidentemente populista.

II — A conexão russa

Um adendo sobre o populismo revolucionário russo é necessário para localizar os novos interesses, "insights" e amigos de Marx para as audiências ocidentais. O rótulo "populista", como o de "marxista" necessitam maior precisão; a heterogeneidade de ambos os campos era considerável. Na expressão russa, um populista (*narodnik*) poderia significar qualquer coisa, variando de um terrorista revolucionário a um honorável filantropo. O que torna isto pior é o fato de que não há hoje herdeiros políticos para reclamar e defender a herança do populismo russo — perdedores políticos têm poucos parentes leais, enquanto os vitoriosos monopolizam imprensa, dinheiro e imaginação. O principal trabalho de Lenin, do qual gerações de socialistas aprenderam sua terminologia russa usava "populismo" como rótulo para alguns dos escritores que estavam, naquele tempo, na ala extrema direita dos populistas, um equivalente a usar o termo marxismo para os chamados "marxistas legais" da Rússia¹⁵. Isto tornou o argumento anti-populista de Lenin de 1898 mais fácil, enquanto aumentava a obscuridade do credo populista aos seus leitores de hoje.

O populismo era a principal tradição revolucionária nativa da Rússia. Sua mistura particular de ativismo político e análise social começou com A. Herzen e gerou uma longa lista de nomes bem conhecidos e respeitados nos círculos socialistas europeus, por exemplo: P. Lavrov, amigo pessoal e aliado de Marx. O populismo atingiu sua potência revolucionária plena nos escritos de N. Chernyshevskii, e sua expressão política mais exagerada no próprio tempo de Marx em *Narodnaya Volya*, o Partido da Vontade do

¹⁵) O livro mencionado é *The Development of Capitalism in Russia* e os populistas selecionados para castigo nele eram Danielson (que se assinava Nikolai-on) e Vorontsov (o V.V.). Lenin, cuja admiração por Chernyshevskii era profunda, mas moderada pelas necessidades táticas da luta contra o Partido Revolucionário Socialista (que considerava a herança de Chernyshevskii), resolveu tudo chamando Chernyshevskii "um democrata revolucionário", semanticamente não relacionado ao "populismo". Tal posição foi sempre seguida pelas publicações oficiais soviéticas. Para mais discussão, ver A. Walicki, *The Controversy over Capitalism*, Oxford, 1969. pp. 16-22.

Povo (ou Liberdade do Povo)¹⁶. Esta organização clandestina chegou a exercer impacto considerável durante o período de 1879–83 e foi finalmente destruída em 1887, pela ação da polícia, execuções e exílio.

Os populistas russos desafiaram a crença dos eslavófilos na especificidade inata (para não dizer supremacia intrínseca) da Rússia ou seus camponeses, e na propagação liberal do capitalismo europeu ocidental como o futuro brilhante da Rússia¹⁷. Segundo, os populistas russos presumiram a habilidade e a necessidade da Rússia "ultrapassar o estágio" do capitalismo ocidental como o europeu, no seu caminho para uma sociedade justa. Tal possibilidade surgia, contudo, como consequência, não da especificidade da Rússia pelos eslavófilos, mas da situação da Rússia dentro de um contexto global, que já havia assistido ao estabelecimento do capitalismo na Europa Ocidental. O paradigma analítico do "mundo histórico" levava à suposição de caminhos substantivamente diferentes, através dos quais sociedades diferentes se dirigiam para objetivos similares de um mundo melhor. Julgando aqueles caminhos, os "custos sociais" do progresso capitalista foram rejeitados para a Rússia e o crescimento em igualdade social e no nível de vida da maioria era tratado como a única medida do verdadeiro avanço social. Um terceiro marcador principal, expresso, totalmente apenas pela Vontade do Povo, o estado czarista era visto como principal inimigo

16) O termo *volya* significava na Rússia do Século XIX "força de vontade" e "liberdade".

17) Para detalhes bibliográficos, ver pp. 172-8, deste volume (do livro *Late Marx*). Para a seleção de escritos relevantes, ver Parte Três. Para estudos da tradição populista russa existente em inglês, ver especialmente F. Venturi, *Roots of Revolution*, Londres, 1960, I. Berlin, *Russian Thinken*, Harmondsworth 1979 e Walick; op. cit. Ver também T. Dan, *The Origins of Bolshevism*, Londres, 1964, Cap. 3, 6 e 7. L. Haimson, *The Russian Marxists and the Origin of Bolshevism*, Boston, 1966. Há uma considerável literatura russa sobre o tópico da qual a mais recente é o estudo excelente de V. Kharos, *Ideinye techeniya narodnicheskogo tipa*, Moscou, 1980. Ao contrário de uma visão sempre mantida, os populistas russos não rejeitavam industrialização mas a queriam socialmente controlada e ajustada às necessidades regionais, idéias que sempre se ligam diretamente com as demandas dos "ambientalistas" e socialistas mais contemporâneos. Ver Walicki, op. cit., pp. 114-16, e Khoros, op. cit., pp. 36-40, 220-5.

do povo da Rússia, simultaneamente como opressor e de crescimento economicamente parasita. Diferia da Europa Ocidental por sua habilidade em manter o povo na escravidão, não somente como o pleni-potenciário da classe proprietária. Era o Estado, nesta perspectiva, que era a *principal força capitalista* da Rússia, como defensor e criador das classes exploradoras contemporâneas.

Contra a força da ordem, opressão e exploração, os populistas revolucionários puseram sua confiança numa guerra de classes, da classe trabalhadora russa vista por Chernyshevskii como "camponeses, trabalhadores em tempo parcial (Podenshchiki) e trabalhadores assalariados" (esta trindade tornou-se camponeses, trabalhadores e inteligência trabalhadora nos últimos escritos populistas). A idéia de "desenvolvimento desigual" (inicialmente expressa por P. Chadayev) forneceu o núcleo teórico da análise política. O desenvolvimento desigual era visto como transformando a Rússia em uma nação proletária, entre nações, enfrentando com desvantagem as nações burguesas do ocidente. Internamente, esta situação polarizava a Rússia. Por outro lado, ela permitia, e necessitava de fato, saltos revolucionários nos quais o atraso relativo pudesse tornar-se uma vantagem revolucionária. Isto tornou possível uma revolução socialista imediata na Rússia. A derrota do domínio Czarista por meios revolucionários deveria ser seguida pelo estabelecimento de um novo regime no qual um governo intervencionista, servindo as necessidades do povo da Rússia, democraticamente expressas, agiria em consonância com a organização ativa do poder popular local.

Nos primeiros debates, a revolução idealizada pelos populistas russos era principalmente "social", isto é, a transformação da natureza de classe da Rússia, e não "simplesmente política" ou seja, objetivando o direito eleitoral. Um levante da maioria camponesa da nação deveria desempenhar o papel principal, e outros sub-grupos da classe trabalhadora e os revolucionários de origem da classe não-trabalhadora deveriam participar plenamente. Os populistas revolucionários dirigiram a força de sua propaganda, principalmente para os camponeses. Como as tentativas dos anos de 1870 para propagar novo espírito revolucionário entre camponeses foram desapontadoras, o centro de gravidade mudou da propaganda rural para a ação extra-rural. Daí, uma luta reforçada (dois em um) era cada vez mais esperada: um ataque ao Estado, que era também o principal capitalista, significava que as lutas políticas e sociais entrelaçavam-se. Tal fato

tornou o confronto mais difícil, mas também ofereceu a oportunidade, sobre a vitória, de mover-se com velocidade particular em direção à combinada transformação política e social. A maioria na principal organização populista, Terra e Liberdade (*Zemlya i Volya*), fundada em 1876, tinha conseqüentemente adotado a estratégia de insurreição (*perevorot*), isto é, de imediato, desafio direto e armado anti-estado. Em 1879 a organização dividiu-se entre a maioria "Vontade do Povo" (*Narodnaya Volya*) e a Divisão Negra (*Chernyi Peredel*) — uma minoria que se opunha aos militantes, à nova linha anti-Estado e à ênfase crescente na ação armada. O Partido "Vontade do Povo" estava bastante ativo na organização dos trabalhadores urbanos e, inclusive, publicava um jornal ilegal, especificamente desenhado para eles, mas explicavam isto não pelo papel exclusivo do proletariado, mas pela significância tática deste componente triplo da classe trabalhadora geral, isto é, o estar presente em centros de administração, onde a batalha principal contra o Czarismo deveria ser travada. A organização operou vigorosamente no exército, incorporando um número de oficiais e foi cada vez mais influente sobre estudantes e jovens intelectuais. Afora a propaganda e as preparações de um levante, a estratégia de atentados à vida do Czar e aos altos funcionários oficiais era adotada como arma tática principal objetivando abalar o Czarismo e ser a causa imediata da oposição e insurreição popular¹⁸.

Uma forte linha subjetivista e moralista destacava-se dentro da visão de mundo populista, incluindo-se os escritos de Chernyshevskii — um materialista filosófico e um admirador de Feuerbach. O impacto das idéias foi assumido e acentuado — para os populistas foi o determinante principal do desenvolvimento desigual das sociedades e da habilidade de algumas delas darem um salto sobre o estágio do capitalismo. A significância particular das elites intelectuais como líderes e como catalizadoras da ação política, numa sociedade, ao estilo russo, foi acentuada numa explicação parcial da forma como os revolucionários populistas construíram sua organização e escolheram seus objetivos em ação armada. Por essas razões e, também, para prover os quadros necessários para a propaganda clandestina e para a ação armada,

¹⁸) Ver Parte Três, e especialmente a análise de Kibalich, pp. 212-218 (livro *Late Marx*).

ênfase excepcional foi dada, dentro do grupo, ao treinamento da personalidade para inculcar modéstia, integridade e totalidade de devoção. Tal fato tornou a organização do "Vontade do Povo" famosa na Europa por sua disciplina, seu ascetismo e coragem dos seus membros¹⁹. A imagem russa e a auto-imagem de "revolucionários profissionais" e "quadros do partido" tiveram aí sua origem principal. Mais, naturalmente, está para ser ganho ou perdido no que se refere ao impacto do populismo revolucionário russo sobre o futuro da Revolução Russa, pois o movimento e a análise do que ela defendeu caminharam para se desdobrarem como "*input*" considerável nas revoluções de 1905-7 e 1917-20, incluindo também o que na primeira década do século vinte veio a ser chamado Bolchevismo.

A atitude dos populistas revolucionários para com a comuna camponesa russa era parte integrante da sua visão de mundo. Cerca de três quintos da terra arável da Rússia Européia estava nas mãos de camponeses e comunas cossacas²⁰. Dentro delas, cada unidade doméstica (*household*) controlava incondicionalmente apenas um pequeno pedaço de terra, isto é, casa e horta, seus animais e equipamentos. O uso da terra arável era destinado a uma família, a longo prazo, por sua comuna, os campos redistribuídos anualmente e trabalhados sempre coletivamente, as pastagens e florestas eram de uso comum. A diversidade de riqueza dentro da comuna era expressa principalmente na propriedade diferenciada de animais, na propriedade não-agrícola e em alguma terra privada comprada com recursos não-comunais. O uso de trabalho assalariado dentro da comuna era limitado. Muitos serviços vitais eram geridos coletivamente pela comuna: um pastor de aldeia, guardas locais, assistência aos órfãos e sempre uma escola, uma igreja, um moinho, etc. Uma assembleia de chefes das unidades domésticas controlava e representava interesses das comunas: decidia sobre os serviços, elegia seus próprios representantes dos serviços públicos, e coletava seus impostos ou débitos informais. Com exceção de algumas áreas no ocidente (principalmente ex-polonesas) a assembleia também redividia periodicamente a terra

19) Ver também as últimas determinações dos membros do Vontade do Povo, pp. 239-40.

20) **Statistika Zemlevladieniya 1905 g**, St. Petersburg, 1907. Os números são referentes às cinquenta Gubernya's da Rússia Européia, isto é, excluindo-se a Polônia, Rússia e o Cáucaso.

arável de acordo com alguns princípios igualitários, quase sempre em relação à mudança de tamanho das famílias envolvidas. Um certo número de comunas camponesas formavam um *volost*, seus representantes locais porém eram autorizados e controlados pelas autoridades do Estado. Apesar de vigiada pelo Estado, a comuna desempenhava (também) o papel de uma organização política camponesa de fato, como uma forte proteção coletiva contra um mundo externo hostil de ilustres, policiais, representantes oficiais, coletores de impostos, ladrões, intrusos ou aldeias vizinhas²¹.

Para os populistas revolucionários a comuna camponesa era a prova da tradição coletivista da maioria do povo russo, que permanecia viva apesar de sua supressão pelo Estado. Embora pudessem criticá-la, no geral eles viam na comuna camponesa a principal fiadora para os seus planos²². Ela era vista como o instrumento possível para a mobilização dos camponeses para a luta anti-czarismo. A comuna deveria ser a forma básica da organização futura do poder local que governaria eventualmente a Rússia junto com um governo nacional eleito democraticamente. Para Chernyshevskii, ela era também uma base efetiva para a produção agrícola coletiva na Rússia pós-revolucionária, que deveria operar ao lado de empreendimentos públicos e de uma minoria de empresas privadas (e transitórias?). A imagem apresenta muita similaridade com alguma das realidades, imagens e planos da Rússia do período da Nova Política Econômica, 1921-7.

O desafio mais significativo para o populismo revolucionário dos anos de 1880 (e sua substituição no mapa político da Rússia de 1890) não foi nem os eslavófilos e liberais à sua "direita" nem os poucos Bakunistas admiradores da espontaneidade das massas à sua "esquerda"; mas pessoas originadas

21) Para mais discussão da comuna russa, ver G.T. Robinson *Rural Russia under the Old Regime*, New York, 1979, T. Shanin, *The Awkward Class*, Oxford 1972 e, em russo, V. Aleksandrov, *Sel'skaya Obshchina v Rossii*, Moscow 1976, e a discussão geral de L. e V. Danilov em *Obshchina v Afrike: Problemy Tipologii*, Moscow, 1978.

22) Por exemplo, Herzen já falava da necessidade de ultrapassar simultaneamente "o capitalismo inglês", isto é, a submissão total às regras da competição capitalista, e a imersão total do camponês russo em sua comuna, para manter a independência pessoal do primeiro e o clã coletivista do segundo.

da ala "moderada" de seu próprio conjunto conceitual. A principal razão do declínio do populismo revolucionário em fins de 1880 foi a derrota de sua revolução, pois perderam a esperança de um levante, e as prisões, morte em ação e exílios para a Sibéria silenciaram a muitos dos ativistas do "Vontade do Povo", enquanto as vozes dos seus críticos ganharam força. O principal argumento contra o populismo revolucionário veio de um grupo influente que formou-se em torno do jornal *Russkoe Bogatsvo*, especialmente V. Vorontsov (que se assinava V.V.). Eles conclamavam para um populismo moderado e evolutivo, com educação como o principal caminho à frente e mesmo com possível cooperação parcial com o governo — um "populismo legal". Eles estavam encontrando uma audiência e um emissor num tipo bem expressivo, altamente falante, mas, intelectualmente provinciano, inefetivo — sempre um empregado do serviço educacional e do bem estar das autoridades locais e do movimento cooperativo. Foram eles que vieram cada vez mais a dominar o populismo nos anos de 1890 (e novamente em 1907-17 depois da derrota da Revolução em 1905-7), diluindo seu conteúdo, tornando sua ala revolucionária uma minoria "selvagem" e determinando a eventual destruição de todo o movimento. Foram eles que "falaram pelo populismo" entre 1887 e fins do século.

Um segundo ataque ao populismo revolucionário veio dos membros do grupo *Divisão Negra* que cortaram relações com o "Vontade do Povo" em 1879 sob seus desígnios insurrecionais. Os líderes deste grupo, Plekhanov, Axelrod, Dentch e Zasulich, emigraram para a Suíça e depois de falharem em fazer qualquer avanço com seu próprio toque de populismo, reorganizaram-se por volta de 1883 e declararam-se a favor do marxismo, socialismo científico, e da necessidade de um estágio capitalista e de uma revolução proletária no caminho para o socialismo. De acordo com essa visão, eles explicaram as falhas do "Vontade do Povo"²³. O novo nome adotado pelo grupo foi "Emancipação do Trabalho" (*Osvobozhdenie Truda*). Seus olhos estavam agora na Alemanha, em sua economia assim como no rápido crescimento do Partido Social Democrata dos Trabalhadores da Alemanha, com uma expectativa

²³) Ver Venturi, op. cit., cap. 20 e 21; também Dan, op. cit., Capítulos 6, 7 e 8. Para uma boa auto-descrição do grupo da Divisão Negra, ver L. Dentch in V. Nevskii, *Istoriko-Revolyutsionyi Sbornik*, Leningrado, 1924, vol. 2, pp. 280-350. Para detalhes biográficos, ver pp. 177-8, deste vol. (livro).

explícita de que a Rússia seguiria rota similar. Sua "europeização" conceitual e crescente conversão ao "ocidentalismo", isto é, o tipo de evolucionismo estrito que nós chamaríamos hoje uma teoria de Modernização Marxiana, significava que a comuna camponesa russa, e em torno de 1890, o campesinato *in toto*, era para eles não mais um fiador mas um sinal do atraso e estagnação, uma massa reacionária. Tudo isto deveria ser primeiro removido para limpar o caminho para o proletariado e sua luta revolucionária, e quanto mais cedo melhor. Eles deveriam, conseqüentemente, olhar com forte expectativa o desenvolvimento do capitalismo na Rússia — uma vez mais — quanto mais cedo melhor, para o avanço do socialismo. Era a esta visão que Marx se referia em 1881, criticamente, como aquela dos "admiradores do capitalismo russo"²⁴. Seus próprios pontos de vista estavam se movendo em uma direção oposta.

III - A comuna arcaica e a teoria precursora

Em 1891 Marx passou três semanas contemplando, pode-se dizer lutando com, uma resposta a uma Carta relativa à comuna camponesa russa. Esta veio de Vera Zasulich, tornada famosa por sua primeira tentativa na vida de uma particularmente viciada dignatária czarista, ao tempo, do grupo "Divisão Negra" e a futura co-editora do marxista *Iskra*. Os quatro rascunhos da resposta escrita por Marx testemunharam a imensidade do trabalho e pensamento que a embasavam — como se toda a última década dos estudos de Marx com suas 30.000 páginas de notas, mas nenhum novo texto principal concluído, viessem juntos. Os rascunhos eram testemunhas da complexidade, mas também da crescente consciência disto, e a primeira abordagem para um novo problema principal. É uma verdadeira exposição da "cozinha" do pensamento de Marx, no limiar do conhecimento no qual ele, mais uma vez, encontrou-se como um precursor para sua própria geração e amigos.

A descoberta da comuna camponesa pela "inteligência" russa levou a um debate afiado sobre sua natureza e historiografia. Para os seus detratores, a comuna camponesa era uma criação do Estado

²⁴) Ver parte dois (do livro). Esta linha de análise tem se refletido subseqüentemente com força particular nos trabalhos dos "marxistas legais" russos, por exemplo, M. Tugan Baranovskii, *Russkaya fabrika*. St. Petersburg, 1901, Vol. 1, Cap. 4.

czarista, para policiar e taxar o campo, um artifício que conservou as características arcaicas, de atraso da agricultura russa e sua economia política *in toto*²⁵. Para os populistas e seus aliados acadêmicos, ela era a sobrevivência da organização social do comunismo primário, isto é, da sociedade pré-classe, uma remanescente por certo, mas positiva, por sua função presente e potencial futuro. Por trás do debate furioso sobre historiografia da comuna levantavam-se temas políticos fundamentais de estratégia, da natureza de classe do campo revolucionário, seus inimigos e mesmo da natureza do futuro (pós-revolucionário?) regime. Para Marx a questão da comuna camponesa, significativa como era para a Rússia, era também um ponto de entrada para uma variedade de questões de mais ampla significância, teórica e politicamente. Estas eram as questões do campesinato dentro de um mundo capitalista (centrado no capitalismo?) e o tipo de submundos e subeconomias que tal "irregularidade" é levada a produzir. Era também aquele das revoluções socialistas no mundo em geral, isto é, do "coro camponês" sem o qual, ele disse uma vez, "a canção solo do proletariado torna-se a canção do cisne, em todos os países camponeses"²⁶.

Já no *Grundrisse* (1857) Marx tinha começado extensivos estudos comparativos da agricultura camponesa e da propriedade da terra comunal dentro dos maiores modos de produção pré-capitalista. A comuna camponesa não era para ele (ou para os populistas revolucionários) excepcional para a Rússia. Ela era simplesmente a melhor preservada na Europa — persistindo por boas razões "materialistas" e por estar cada vez mais colocada num novo contexto nacional e internacional do capitalismo avançado.

²⁵) Fundamentais àquela linha de argumento foram os trabalhos e opiniões de B. Chicherin adaptado no tempo de Marx por A. Wagner e nas últimas gerações por P. Miliukov, K. Kocharovskii, etc., como também por G. Plekhanov e por I. Chernyshev no campo marxista. Este ponto de vista foi sempre mencionado como a "Escola Estado". Em oposição foi criticado por uma lista igualmente importante de "scholars" e teóricos políticos dos quais N. Chernyshevskii e I. Belyaev foram essenciais à própria geração de Marx. O próprio Marx criticou duramente Chicherin (*Marks i Engels*, op. cit., Vol. 33, p. 482). Para uma boa historiografia do debate ver Aleksandrov, op. cit., pp. 3-46.

²⁶) Marx escreveu esta passagem em *O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte* (1852) referindo-se à França mas retirou-a na re-edição de 1869. As datas são significantes pelas razões discutidas no nosso texto.

Ainda em 1868 numa carta a Engels ele estava claramente encantado com "todo aquele lixo", isto é, a estrutura das comunas camponesas russas, "aproximando-se então do seu fim"²⁷. Durante os anos de 1870 os trabalhos de Mourer e Morgan fortaleceram a convicção de Marx, contudo, no que se refere às qualidades positivas das comunidades primárias — tribais em seu etnocentrismo (isto é, sua concentração nas necessidades humanas em vez de na produção para lucros) e sua democracia inerente, eram contra a alienação capitalista e hierarquias de privilégios. O homem do capitalismo — o modo de produção mais progressivo em evidência — não era o último homem da história humana conhecida até então. O Iroquês "caçador pele vermelha" era, de certa forma, mais essencialmente humano e liberado do que um funcionário na cidade e, nesse sentido, mais próximo ao homem do futuro socialista. Marx não tinha dúvidas sobre as limitações da comuna "arcaica": "pobreza" material, ou provincianismo e sua fraqueza contra as forças exploradoras externas. Sua deteriorização sob o capitalismo seria necessária. Todavia, essa não era claramente a história completa. A experiência e excitação da comuna de Paris — para Marx o primeiro experimento direto numa nova democracia plebéia e organização revolucionária — era por agora parte do quadro. Com a evidência do que aparecia como o primeiro experimento pós-capitalista, Marx estava mais pronto do que antes para considerar a natureza real da organização política e social no mundo pelo qual ele lutava. Para todos os iniciados na dialética hegeliana, filhos parecem mais com seus avós do que com os seus pais. A comuna "primária", restaurada dialeticamente num novo e mais alto nível de riqueza material e interação global, entrava nas imagens de Marx da sociedade comunista futura, na qual os "indivíduos comportam-se não como trabalhadores mas como proprietários — como membros de uma comunidade que também trabalha"²⁸.

De volta ao passado/futuro para o presente, a consideração da co-existência e dependência mútua de formas sociais capitalistas (pré-capitalistas?) fizeram Marx cada vez mais aceitar e

27) K. Marks i F. Engels, *Sochineniya*, op. cit., Vol. 32, p. 158. Relacionadamente em tempo, Marx atacou a opinião de Herzen em 1867 e falou em termos absolutos do conservadorismo do campesinato francês (por exemplo, nas notas de 1871 sobre a Comuna de Paris, *ibid.*, Vol. 17, pp. 554-7).

28) Marx, *Pre-Capitalist Economic Formations*, op. cit., p. 68.

considerar o "desenvolvimento desigual" em toda sua complexidade. Nova ênfase foi também dada aos aspectos regressivos do capitalismo e na sua ligação com a questão do Estado na Rússia. A aceitação do "progresso" unilinear está enfaticamente descartada. A extensão de um modelo essencialmente evolucionista através das idéias do Despotismo Oriental é, nesse momento, insuficiente. Especificamente, Marx chegou a ver o declínio da comuna camponesa na Europa Ocidental e sua crise, na Rússia, não como uma lei de Ciências Sociais — processo econômico espontâneo — mas como o resultado de um assalto sobre a maioria dos povos, que poderia e deveria ser revidado. A consideração da comuna russa nas notas da "carta a Zasuylich" trouxe tudo isto à tona. Será melhor apresentar a essência da mensagem nas próprias palavras de Marx²⁹.

Para iniciar, "o que ameaça a vida da comuna russa não é nem a inevitabilidade histórica nem a teoria, mas a opressão pelo Estado e exploração pelos intrusos capitalistas, os quais o Estado tornou poderosos às expensas do camponês". O tipo de sociedade em questão era destacado por seu contexto internacional, isto é, "ambiente histórico moderno: ele é contemporâneo, com uma cultura mais elevada e é vinculado ao mercado mundial no qual a produção capitalista é predominante", enquanto o país "não é, como as Índias Orientais, a vítima de um poder estrangeiro conquistador". A coalizão de classes de destruidores camponeses — o bloco de poder em sociedades com predominância numérica camponesa — foi definida como "*o Estado ... o Comércio ... os proprietários de terra e ... de dentro (a comuna camponesa) ... os usuários* [grifos do autor], isto é, Estado, capitalistas mercantis, proprietários de terra e Kulaks — nessa ordem. O sistema social total era referido como um "tipo específico de capitalismo adotado pelo Estado às 'expensas' dos camponeses".

Para Marx, o fato de que a comuna russa era relativamente avançada em tipo, sendo baseada não sobre o parentesco mas na localidade, e sua "natureza dual" como "comunal", oferecia a possibilidade de dois caminhos diferentes de desenvolvimento. O Estado e a variedade específica do capitalismo alimentado pelo Estado estavam assaltando, penetrando e destruindo a comuna. Esta poderia ser destruída, mas não havia "necessidade fatal" para isso. O aspecto corporativo da existência da comuna poderia prevalecer,

²⁹) Para texto total, ver Parte Dois (do livro).

uma vez que a revolução tivesse removido as pressões anti-comuna e a tecnologia avançada desenvolvida pelo capitalismo ocidental fosse colocada em novo uso sob controle comunal dos produtores. Tal solução seria sem dúvida melhor para o futuro socialista da Rússia. A principal limitação da comuna rural, isto é, seu isolamento, que facilitava a edição russa do "despotismo centralizado", poderia ser ultrapassada pela insurreição popular e a conseqüente suplementação do *volost*, dirigido pelo Estado, "por assembléias eleitas pelas comunas — um corpo econômico e administrativo servindo seus próprios interesses". Isto é, surpreendentemente, camponeses dirigindo seus próprios negócios, dentro e como uma parte da sociedade socialista. Sem dúvida, a "familiaridade dos camponeses russos com relações corporadas ("artel") facilitaria muito sua transição de pequenos pedaços de terra para o cultivo coletivo" mas, há uma condição para isso tudo: "a sociedade Russa tendo vivido por tanto tempo às expensas da comuna rural deve a esta os recursos iniciais requeridos para tal mudança", isto é, o retorno preciso da "acumulação primitiva", era agora definido por Marx como a condição para a coletivização bem sucedida da agricultura camponesa russa. Também esta seria uma mudança gradual ... "na qual o primeiro passo seria colocar a comuna sob condições normais (isto é, num contexto não explorador) sobre sua base atual".

Em conclusão, para Marx, uma oportuna vitória revolucionária poderia tornar a comuna russa num principal "veículo de regeneração social". Um "ponto de partida direto do sistema pelo qual a sociedade contemporânea luta" e um arcabouço básico para o trabalho cooperativo em larga escala" e o uso de "maquinaria" moderna". Além do mais, isto pode tornar "supremos" alguns países essencialmente camponeses para as sociedades onde o capitalismo domina". Isto é, sem dúvida, porque "o caso precedente ocidental não se aplicaria nada daqui". Ainda, "o assunto não é um problema a ser resolvido mas simplesmente um inimigo, que deveria ser derrotado ... para salvar a comuna russa, necessita-se uma revolução russa". Observe a expressão revolução russa, repedita duas vezes dentro do texto. Finalmente, para entender tudo isto, "deve-se descer da teoria pura para a realidade russa" e não ficar amedrontado pelo termo "arcaico", pois o "novo sistema para o qual a sociedade moderna está tendendo será o renascimento numa forma superior de um tipo social arcaico".

O tema da comuna camponesa foi usado por Marx também, como o principal caminho para abordar um grupo de problemas fundamentais, novos para sua geração, mas que seriam hoje em dia facilmente reconhecidos como aqueles de "sociedades em desenvolvimento", sejam estes "modernização" "dependência" ou a expansão "combinada e desigual" do capitalismo global e sua expressão especificamente "periférica". Estes eram vários dos componentes do novo roteiro de tópicos de Marx para estudo e conclusões preliminares, nenhum dos quais elaborados plenamente. No centro está a noção recentemente percebida de "desenvolvimento desigual", interpretada não quantitativamente (isto é, que "algumas sociedades mudam mais rápido que outras") mas como interdependência global de transformação de formas sociais. As "Notas Cronológicas", isto é, um conjunto substancial dos pontos de vista gerais de Marx escritos em 1880-2, é especialmente relevante aqui. Como corretamente observado numa contribuição interessante de B. Porshnev (que menciona isto para "o período dos últimos 9-12 anos da vida de Marx"), isto demonstra a atenção de Marx voltando-se ao "problema da interdependência histórica de povos e países no período diferente da história global, isto é, a unidade sincrônica da história" (e dever-se-ia adicionar, a unidade inter-societária diacrônica)³⁰. Marx vem, então, assumir também, para o futuro, a multiplicidade de caminhos da transformação social, dentro do arcabouço global do impacto mútuo e diferencial. (Já no *Grundrisse* ele tinha aceito isto claramente para o passado pré-capitalista). Esta é a razão, sem dúvida, porque a aplicação generalizada da discussão de "acumulação capitalista" no volume I de *O Capital* é, por volta de 1877, tão explicitamente rejeitada. Como é documentado e discutido por Wada, isto significa também que Marx tinha começado a "perceber a estrutura única para o capitalismo atrasado"³¹ dizer "estruturas" seria, provavelmente, dizê-lo melhor. A idéia de "desenvolvimento dependente" não está, todavia, aí, mas sua base está lançada. Para concluir, claramente, para Marx, a Inglaterra que ele conheceu "que é mais desenvolvida industrialmente" não tinha e sem dúvida não poderia mais "mostrar à Rússia menos desenvolvida" a "imagem de seu próprio futuro". Por uma das ironias da história, um século depois nós estamos ainda tentando esclarecer a idéia oposta do monopólio da Rússia pós-1917 a partir da imaginação revolucionária, a suposição é de que é a

30) Marks-Istorik, op. cit., p. 431.

31) Ver abaixo, p. 631 (do livro).

Rússia que deve mostrar a todas as Inglaterras do nosso tempo a imagem de seus futuros socialistas.

A nova mudança do pensamento de Marx foi indubitavelmente reconhecida e admitida, ao modo deles, pelos marxistas dogmáticos. "A Carta ao Corpo Editorial de Otechestvennye Zapiski, foi deixada sem publicação pelo Grupo Emancipação do Trabalho, apesar das promessas a Engels que permitiu-lhes tê-la para publicação. A "Carta a Zasulich", escrita sob solicitação explícita para tornar as opiniões de Marx conhecidas, também não foi publicada por eles (A primeira dessas foi publicada pela primeira vez em 1887 pelo Mensageiro do Poder do Povo, a segunda apenas em 1924). Muita bobagem psicológica foi escrita na Rússia e no Ocidente sobre como e porque aqueles escritos foram esquecidos por Plekhanov, Zasulich, Axelrod, etc., e sobre a "necessidade de psicólogos especializados para explicá-lo"³². Isto foi provavelmente mais simples e mais cru. Já na própria geração de Marx havia marxistas que conheciam melhor do que Marx o que o marxismo é, e estavam preparados a censurá-lo secretamente, em benefício dele próprio.

A mais clara saudação à originalidade de Marx e às suas novas idéias foi dada uma geração mais tarde pelo mais erudito dos marxistas russos de seu tempo, Ryazanov, o primeiro diretor do Instituto Marx-Engels em Moscou que publicou primeiro em 1924 os quatro rascunhos da "Carta a Zasulich" (descoberta por ele em 1911). Para ele, os quatro rascunhos escritos durante menos do que duas semanas de intensivas considerações intelectuais e políticas, indicavam o declínio das capacidades de Marx³³. Em cima dessa sugestão ele acrescenta, citando Edward Bernstein, uma explicação adicional para o desvio populista de Marx: "Marx e

32) Ver abaixo, p. 129 (do livro). Quanto tudo isso ainda "dói", pode ser melhor exemplificado por uma pequena parte do P. Konyushaya, *Karl Marks i revolyutsionnaya Rossiya*, Moscou, 1975, onde após um fluxo contínuo de denúncias contra a multiplicidade de "falsificadores de Marx", isto é, todos os que o discutiam fora da Rússia, fala-nos que Plekhanov "fundamentou seu argumento na posição formulada por Marx na carta de "Otechestvennye Zapiski" (p. 357). Ela esquece de nos informar quando, onde e como.

33) David Ryazanov, ver abaixo Parte Dois (do livro). Para equivalentes ocidentais contemporâneos ver Marx e Engels, *The Russian Menace to Europe*, op. cit., p. 266 e à esquerda, J. Elster in K. Marx, *Verker i Utlad*, Oslo, 1970, p. 46.

Engels restringiram a expressão de seu ceticismo para não desencorajar demais os revolucionários russos³⁴. Pobre e velho, Marx estava claramente se tornando senil aos 63 anos ou então ocupando-se em pequenas mentiras de delicadeza e diligência, quando ele se afasta do "linear e estreito" do marxismo de seus intérpretes. (Uma semelhança curiosa — durante e após a Revolução de 1905-7, Lenin foi acusado de se inclinar para o populismo por alguns de seus adversários e companheiros marxistas³⁵. Parece que aqueles dois tinham tido um "desvio" em comum).

IV - Atraso Radical e Revolucionários Conservadores

Três questões mais relacionadas devem ser destacadas para atenção: a natureza da experiência Russa, a atitude de Marx para com movimentos revolucionários e o lugar de Engels como o mais significativo intérprete de Marx. Primeiramente, enquanto a experiência da Índia ou China era, para a geração de europeus de Marx, remota, abstrata e sempre mal compreendida, a Rússia era mais próxima, não apenas geograficamente mas no sentido básico de contato humano, conhecimento possível da língua e disponibilidade de evidência e análise, geradas pelos nativos. Não era apenas a diferença na extensão da informação que estava em discussão, contudo. A Rússia daqueles tempos era marcada por independência política e crescente fraqueza internacional, localizada nas periferias do desenvolvimento capitalista, massivamente camponesa, mesmo com a indústria se expandindo rapidamente (possuída principalmente pela coroa e por estrangeiros) e com um Estado altamente intervencionista. Na linguagem conceitual de nossa própria geração, a Rússia era, ou estava rapidamente se tornando "uma sociedade em desenvolvimento" — um novo tipo de fenômeno social. Novatos relutarão em reconhecer mas a afiada percepção

³⁴) Ver abaixo página 130 (do livro).

³⁵) A palestra de Plekhanov no Quarto Congresso do Partido dos Trabalhadores Social Democratas Russos em 1906 afirmava isso explicitamente. Por outro lado, o ano de 1905 viu também os apelos de Bolsheviks de Saratov e de Nikodim A. Shestakov, o chefe da seção agrária de Lenin, tratado por eles como uma "capitulação" à pequena burguesia populista.

conceitual de Marx era boa demais para perder inteiramente esta primeira silhueta de uma nova forma. Não foi por acidente que foi da Rússia e dos russos que aprendeu coisas novas sobre a "desigualdade" global, sobre camponeses e sobre revolução, "insights" que seriam válidos no século ainda por vir. A origem tripla do pensamento analítico de Marx sugerida por Engels — Filosofia Alemã, Socialismo Francês e Economia Política Britânica — deveria na verdade ser suplementada por uma quarta, a do Populismo Revolucionário Russo. Tudo isto é mais fácil perceber quando observado nos fins do século vinte, mas a forte lavagem cerebral de interpretação iniciada pela segunda Internacional é ainda muito poderosa para tornar isto em um assunto ignorado.

Para continuar com esta linha de argumento para testá-la, o outro ponto principal de partida de Marx na perspectiva evolucionista que presumia um curso inexorável da história em direção à centralização capitalista, e usava o índice de "progresso" econômico global no julgamento político, era também relacionado à experiência direta da luta nas "periferias" próximas do capitalismo *strictu sensu*. A Rebelião Feniana dos Irlandeses fez Marx escrever a Engels em 1868, "*Eu pensava que a separação da Irlanda da Inglaterra seria impossível. Agora eu a considero inevitável*" [ênfase adicionada]³⁶. Como um líder da Internacional ele tinha se posicionado publicamente sobre este assunto. Em 1867 Marx definiu a independência irlandesa e o estabelecimento de tarifas protetoras contra a Inglaterra, junto com a revolução agrária, como as maiores necessidades do país. Não apenas a conclusão mas também a maneira como ele discutiu seu caso, foram passos importantes a partir das idéias de progresso do século XIX para o entendimento do que nossa própria geração chamaria de "desenvolvimento dependente" e suas armadilhas. No mesmo ano Marx falou também do modo como a indústria Irlandesa estava sendo dizimada, sua agricultura retardada pelo Estado e Economia Britânica. Por volta de 1870 Marx chegou ainda a dizer que "o tiro decisivo contra a classe governante inglesa (e este tiro é decisivo para o movimento dos trabalhadores em todo o mundo) iria estourar não na Inglaterra mas apenas na Irlanda"³⁷. Com pleno cuidado sobre o que tal posição podia significar no verdadeiro centro do

36) Cartas de 2 e 30 de novembro de 1876, Tubel e Mondale, op. cit., pp. 229-31.

37) Ibid., p. 254. Para maior discussão ver o trabalho de K. Mohri in *Monthly Review*, 1979, Vol. 30, nº 11.

nacionalismo metropolitano, ele conclamou os trabalhadores ingleses a darem suporte à luta da independência Irlandesa. A frase bonita cunhada nos dias de sua juventude revolucionária por Engels que "povos que oprimem outros povos não podem eles próprios serem livres"³⁸ retornou desta vez com um tom distintamente terceiromundista".

Em segundo lugar, Marx afirmava alto e claro suas preferências políticas. Sua simpatia era para com os lutadores e revolucionários, seja a dos seus credos pouco conhecidos como sejam, e contra marxistas doutrinários, especialmente quando a partir de fundamentos teóricos eles reprovavam a luta revolucionária. Isto ficou claro quando ele escreveu sobre o "paraíso tempestuoso" dos comuneiros de Paris em 1871. Em sua "Crítica ao Programa Gotha" (1875) ele desdenhou dos socialistas que "permaneciam dentro dos limites do logicamente presumível e do permitido pela polícia"³⁹. Os membros da "Vontade do Povo" condenados pela vida eram para ele não apenas corretos nos pontos essenciais de sua posição política, mas, "simples, objetivos, heróicos"⁴⁰. A posição delês não era tiranizada como "teoria" e "panaceia" mas uma lição para a Europa num modo de ação historicamente inevitável, "especificamente" russo, contra o qual qualquer moralização de uma distância segura era ofensiva. Em contraste ele se voltou duramente contra seus críticos no grupo Divisão Negra de Plekhanov em Genev⁴¹.

38) Do discurso de 1847 sobre a independência da Polônia, K. Marks i F. Engels, *Sochineniya*, op. cit., Vol. 4, p. 273.

39) *Ibid.*, Vol. 19, p. 28.

40) As citações vêm da carta de Marx a sua filha em 21 de março 1881, *ibid.*, Vol. 35, p. 145-8.

41) Para a opinião nitidamente crítica de Marx sobre as "doutrinas cansativas" da Divisão Negra, ver sua carta a Sorge de 5 de outubro de 1880, *ibid.*, Vol. 34, p. 380. O modo como Marx (e em 1880 Engels) relacionou sua atitude para com o Vontade do Povo aos seus outros contatos é interessante. A carta de Marx, que falava, admiravelmente, das qualidades humanas dos membros do Vontade do Povo (11 de abril de 1881) descrevia Kautsky como um tipo "mediocre, pouco hábil, auto-suficiente e "conhece tudo: ... reconhecidamente muito trabalhador, ele passa muito tempo sobre estatísticas sem ir longe com elas, naturalmente, pertencendo à tribo dos filisteus, embora, por outro lado, sem dúvida, uma pessoa decente. Em 23 de abril de 1885, Engels respondeu à solicitação de Vera Zasulich para expressar suas opiniões sobre o livro de Plekhanov declarando o seu credo

Este tem sido o modo como muitas más interpretações e sofisticações de marxologia têm ridicularizado tal modo de falar de Marx ou interpretá-lo condescendentemente, como "determinado mais por motivos emocionais"⁴² (um antônimo, sem dúvida, de "analítico", "científico" ou "profundo"). Entender ação política, especialmente a luta pela transformação socialista da humanidade, como um exercício de lógica ou como um programa de construir uma fábrica apenas, é literalmente construí-lo mal, como Marx bem sabia. Também, ele partilhava com os revolucionários russos a crença no poder purificador da ação revolucionária em transformar a natureza real daqueles nela envolvidos — a "educação dos educadores"⁴³. Os populistas revolucionários russos preocupados com questões morais encontraram resposta pronta nele. Emoções morais à parte (e elas estavam lá e expressas sem temor), as éticas revolucionárias foram sempre tão centrais quanto a historiografia para o julgamento político de Marx. Assim era a aversão de Marx para com aqueles para quem o ponto máximo da análise marxista era a adoração ou elaboração de leis irresistíveis da história, usadas como a licença para nada fazerem.

Finalmente, e especialmente depois da morte de Marx, a diferença de ênfase entre Marx e Engels veio a antecipar o dualismo que aumentava conspicuamente dentro do movimento marxista pós-Engels. A precaução de Hobsbawm contra a "tendência moderna de contrastar Marx e Engels, geralmente para desvantagem do último" deve ser mantida em mente, mas também sua limitação: "os dois homens não eram gêmeos siameses"⁴⁴. Os dois eram parceiros,

marxista contra os populistas russos (*Nashi raznoglasiya*), recusando fazer julgamento: "Meus amigos do Vontade do Povo, não me falaram sobre tais assuntos" e então passou a defender a crença do Vontade do Povo nas possibilidades de uma revolução russa imediata.

42) W. Weitraub, "Marx and the Russian Revolutionaries", *Cambridge Journal*, 1949, Vol. 3, p. 501.

43) A terceira *Thesis of Feuerbach*, Marx e Engels, *Selected Works*, Vol. I, p.13.

44) Marx, *Pre-Capitalist Economic Formations*, op. cit. (Introdução). p. 53. Para uma discussão interessante das diferenças entre Marx e seus intérpretes imediatos, Engels, Kautsky, Plekhanov e Bernstein, etc., ver L. Colletti, *Introdução a Karl Marx, Early Writings* Harmond, 1975, pp. 7-

aliados e amigos, tanto que a devoção de Engels para com Marx e seu legado tornou-se justamente famosa. Em um número de aspectos era Engels que dominava e, sem dúvida, sempre ensinava a Marx, especialmente quando assuntos políticos e militares estavam em questão. Isto, entretanto, não está em discussão. Em suas opiniões Engels estava menos inclinado a mudar suas opiniões para as novas direções exploradas por Marx na última década de sua vida. Apesar das cuidados de Engels contra tratar o marxismo como uma forma de determinismo econômico, ele foi, muito mais do que Marx, um homem de sua própria geração com suas crenças evolucionistas, "naturalistas" e "positivistas". O mesmo é ainda muito mais verdade para Kautsky como o último principal intérprete de Marx e para a corrente dominante de interpretação russa de Marx por Plekhanov.

Quando ainda trabalhando ombro a ombro, Marx e Engels tinham o mesmo sentimento sobre o passado; a comuna camponesa medieval em sua versão alemã era para ambos "o único núcleo de vida e liberdade para o povo"⁴⁵ daquele período. Eles concordavam sobre as influências corrosivas do capitalismo sobre a comuna camponesa e que apenas a revolução poderia salvá-la na Rússia. Eles dois entendiam que era importante que esta fosse salva — para ser integrada e transformada na nova era socialista. Entretanto, para Engels, o futuro da comuna russa estava inevitavelmente sujeito à revolução proletária no oeste, em si parte da marcha irresistível do "progresso". A ordem básica das coisas não podia ser mudada. Marx estava indo para além de tais afirmações (embora quanto ele caminhou até 1882 será sempre um assunto de debate). Também, enquanto Engels inclinava-se para o conhecimento supremo de Marx sobre o "Leste" e suas peculiaridades, a heterogeneidade real da estrutura e o movimento em torno do globo eram para Engels menos do que um problema, menos do que uma preocupação e menos que um estímulo para nova análise.

O melhor caminho para testar as diferenças entre os dois homens é considerar os escritos de Engels depois da morte de Marx. Na metade de 1884, no espaço de dois meses, ele escreveu o seu imensamente influente. *As Origens da Família, da Propriedade*

14. Ver também L. Kolakowsky, *Main Currents of Marxism*, Oxford, 1981, Vol. 1.

45) K. Marks i F. Engels, op. cit., p. 272 (a citação adotada de Maurer). Para as opiniões de Engels ver seu trabalho "Marks", escrito em 1882, K. Marks i F. Engels, *Sochineniya*, op. cit., Vol. 19, pp. 335-7.

Privada e do Estado, "atendendo ao legado de Marx" e usando seu conhecimento geral do estudo de Morgan. Aliás foi brilhante em sua discussão das estruturas sociais "arcaicas", mas em suas outras partes ofereceu uma interpretação virtual do evolucionismo com um "happy end" dialético para concluir. Nele é movido pela sempre profunda "divisão do trabalho", estão estágios históricos, seguindo um após outro com a precisão, repetição e inevitabilidade do trabalho de um relógio, pois "o que é verdade para a natureza permanece bom também para a sociedade"⁴⁶. Tudo leva ao progresso unilinearmente da "infância da raça humana" para a "forma mais alta do Estado, a república democrática na qual só a luta decisiva entre proletariado e burguesia, está para ser travada". Depois vem o socialismo, "o renascimento em forma mais elevada da liberdade e fraternidade dos povos antigos"⁴⁷. Desde os meados de 1884 nem mesmo o despotismo oriental parecia essencial para a historiografia, e o próprio termo desapareceu do trabalho publicado por Engels. No *Anti-Düring* (1877), escrito ainda na presença poderosa de Marx, o Despotismo Oriental espalhou-se da Índia para a Rússia⁴⁸. Isto nunca foi mencionado em *As Origens da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. Nas correspondências conhecidas de Engels o conceito aparece por último em fevereiro de 1884. Daí então e até à morte de Engels em 1895, através do conjunto total de aproximadamente 3.000 páginas de seus escritos e cartas, este não foi mencionado nem uma vez⁴⁹. Nós percorremos de volta todo o caminho até *A Ideologia Alemã* de 1846. Esta foi, em seu tempo, uma obra de impacto e maior esclarecimento e uma base conceptual

46) Ver abaixo, p. 108.

47) *Ibid.*, p. 334 (sub-citação de Morgan).

48) Engels, *Anti-Düring*, Londres, 1943, p. 203.

49) K. Marks i F. Engels, *Sochineniya*, op. cit., Vols. 21-2 (publicações) e 36-9 (correspondência). Agradecemos ao professor Mchedlov, do Instituto Marx-Engels-Lenin de Moscou, pela afirmação deste ponto. Ele indicou que, por outro lado, Engels não retirou este termo das novas edições do *Anti-Düring* em 1886 e 1894. Um ponto importante, aberto, contudo, a uma variedade de interpretações.

A explicação oferecida por Hobsbawm (*Marx, Pre-Capitalist Economic Formations*, op. cit. p. 51) e por alguns "scholars" soviéticos de que o "Modo Asiático" é substituído, simplesmente, àquele estágio por um conceito mais amplo de Formação Arcaica não explica plenamente o caso, isto é, não explica a correlação entre o desaparecimento do conceito de Despotismo Oriental do trabalho de Engels e a data da morte de Marx.

para o *Manifesto Comunista* (1848) com sua imensa e permanente contribuição. Para a atualidade, seria um passo retrógrado.

Engels escrevia bem, seu estilo era ajudado por sua capacidade de apresentar questões complexas com simplicidade, força e impecável consistência de argumento. Havia um preço para essa clareza, contudo, e o debate de Engels com Tkachev é um exemplo disso.

Peter Tkachev era um Jacobino Russo, um materialista histórico cuja análise de classe fê-lo suspeitar da idealização das "massas" por muitos dos seus camaradas — ele conclamava o uso direto da força por uma determinada minoria revolucionária. Em seu ataque verbal ao estado russo Tkachev enfatizou demais, para esclarecer as dimensões extra-classe, laços de inércia e "autonomia" do czarismo — para ele este era "um estado suspenso no ar, numa maneira de falar, que não tem nada em comum com a ordem social existente e que tem suas raízes no passado"⁵⁰. Todavia, Engels gostava de dizer, "a prova do pudim" da teorização política, está em "comê-lo". No ponto da predição e estratégia política, Tkachev concluiu, de acordo com as opiniões de Chernsyshevskii, que a Rússia podia se beneficiar das "vantagens relativas do seu atraso" e podia portanto mais facilmente produzir uma "revolução social" do que a Europa Ocidental. Também de acordo com ele, tal potencial poderia se perder se não fosse aproveitado no tempo. Ele sugeriu, desrespeitosamente para 1874, que havia uma chance de que a Rússia pudesse continuar o seu caminho revolucionário para o socialismo mesmo mais cedo do que os Estados Unidos ou a Grã-Bretanha. Tal "salto" sobre um "estágio" permitiria a conquista e o uso massivo do poder centralizado do Estado. Tkachev também entendia que para desenvolver os objetivos da reconstrução social, enquanto enfrentando inimigos e ainda uma maioria da população desacreditada; os revolucionários deveriam/poderiam continuar por um tempo a governar, "de cima" — uma ditadura de um partido revolucionário. Toda a esquerda europeia se sentiu, subsequentemente, aliviada quando em 1875 Engels veio a exercitar seu conhecimento sobre Tkachev. Tais opiniões de "um estudante ainda verde", de que a Rússia poderia fazer mais para o socialismo do que apenas facilitar o começo da revolução socialista onde ela devia realmente começar, isto é, no Ocidente, ou mesmo

50) Citado de Marx e Engels, *Selected Works*, op. cit., Vol. 2, p. 388. Para detalhes bibliográficos, ver abaixo p. 177 (do livro).

mais ofensivamente, uma visão de um regime socialista na Rússia cheia de "muzhiks", mesmo antes que a Europa Ocidental a experimentasse, era "puro ar quente" e provava apenas que era Tkachev que estava "voando" e ainda tinha que "aprender o ABC do socialismo"⁵¹. Tudo muito engraçado, mas com uma distorção inesperada quando visto retrospectivamente, duas gerações depois de novembro de 1917 na Rússia, e uma geração depois de outubro de 1949 na China.

No que se refere ao assunto da comuna russa, Engels lealmente defendeu, até o fim, os dois pontos de vista de que esta poderia servir como uma unidade de transformação socialista e a condição de que, para isto acontecer, uma revolução proletária no ocidente deveria mostrar "aos países retardatários ... por seu exemplo como isto é feito"⁵², "isto" sendo o estabelecimento da sociedade pós-capitalista. "Dever-se-ia ter em mente", ele adicionou em 1894, "que a avançada dissolução da propriedade comunal russa tem (desde 1875) avançado consideravelmente"⁵³. Plekhanov era então o guia maior de Engels para a Rússia e o chefe da organização marxista russa, envolvido como estava numa disputa violenta sobre o futuro do campesinato com os (mais "legais", isto é, reformistas) populistas do dia⁵⁴. A comuna camponesa russa estava cada vez mais vista por Engels, da mesma forma, como vivendo sobre suas últimas pernas, com o capitalismo em dominante presença. A única coisa, deixada para os que gostavam pouco dela parecia ser "consolar-nos com a idéia de que tudo isto, no final,

51) Ibid. pp. 287-8, 390, 395.

52) Ibid., pp. 403-4.

53) Ibid. pp. 395-412.

54) Nos anos de 1890 Plekhanov mudou para uma posição duramente "anti-camponesa", como parte de sua crescente polêmica contra os populistas. Impiedosas pressões, misturando falsidade e persuasão, foram usadas por ele para envolver a autoridade de Engels nas divisões dentro da esquerda Russa, para isso ver *Perepiska, Marks a i Engel'sa*, Moscou, 1951, pp. 324-46. Engels tinha no todo rejeitado explicitamente aquelas pressões, e demonstrou, por um tempo considerável, suspeita contra Plekhanov (Walicki, op. cit., pp. 181-3) mas estava, sem dúvida, influenciado, contudo, mais ainda, por que o seu russo estava "enferrujado" pelos fins de 1880 e, por si como admitido pelo próprio, ele tinha deixado de ler qualquer fonte naquela língua.

deve servir à causa do progresso humano"⁵⁵. Para o campesinato europeu, ele tinha coisas mais incisivas para dizer, em 1894, deixando descoberta a atitude geral que prevalecia na segunda internacional: "em breve nosso pequeno camponês, como qualquer outro sobrevivente dos modos passados de produção, estará completamente arruinado ... de acordo com os preconceitos derivados de sua completa posição econômica, sua formação e isolamento ... podemos conquistar a massa dos pequenos camponeses apenas se pudermos prometer-lhes o que nós sabemos que não podemos cumprir"⁵⁶, o que estava, naturalmente, fora de questão.

Mas Engels era também um revolucionário como eram muitos dos herdeiros intelectuais de Marx. Foi o apoio que eles deram às estratégias revolucionárias que estava em crescente desacordo com a doutrina teórica. Enquanto ao nível da teoria Marx estava sendo "Engelsizado" e Engels, ainda mais "Kautskizado" e "Plekhanovizado" dentro de um molde evolucionista, revoluções se espalhavam na virada do século pelas sociedades atrasadas "em desenvolvimento": Rússia 1905 e 1917, Turquia 1906, Iran 1909, México 1910, China 1910 e 1927. A insurreição camponesa foi central para muitas delas. Nenhuma delas foi "revolução burguesa" no sentido da Europa Ocidental e algumas resultaram, eventualmente, socialistas em lideranças e resultados. Ao mesmo tempo, nenhuma revolução socialista aconteceu no Ocidente nenhuma "revolução socialista mundial" se materializou. Na vida política dos movimentos socialistas do século XX havia uma necessidade urgente de se revisarem estratégias ou a elas se submeterem. Lenin, Mao e Ho escolheram a primeira alternativa. Isto queria dizer falar com "línguas duplas" — uma das estratégias e táticas, a outra da doutrina e substitutos conceituais, dos quais as "revoluções proletárias" na China ou no Vietnam, executadas por camponeses e "funcionários", sem trabalhadores industriais envolvidos são, porém, exemplos particulares importantes.

A alternativa era pureza teórica e desastre político. Uma vez mais usando personalidades para apontar uma questão mais abrangente, o fim das vidas de Plekhanov e Kautsky, o "pai" do marxismo russo" e o marxista mais erudito do mundo, respectivamente, ofereceram para tal um testemunho trágico e um

55) A carta de 1892 de Engels a Danielson, in *Perepiška*, op. cit., p. 126.

56) Marx e Engels, *Selected Works*, op. cit., Vol. 3, pp. 460 e 469.

sinal. O primeiro morreu em 1918, um "exilado interno" no meio da revolução — um amargurado, confuso e solitário adversário do experimento que ele gerou. O segundo morreu em 1938, um exilado observando incompreensivelmente e chocado, a sombra dupla sobre a Europa do Nazismo na, industrialmente progressiva e eleitoralmente socialista de massa, Alemanha, e do Stalinismo no primeiro rebento socialista, a Rússia. O destino terrível de encontrar a si próprio "na pilha do lixo da história" tinha requisitado sua primeira geração de marxistas teóricos.

V - Lendo Marx: *Deuses e Artesãos.*

Voltando a Marx: o que adiciona significância à discussão do último estágio no desenvolvimento de seu pensamento é que ele nos ensina sobre sua habilidade artesanal intelectual e sobre ele como um ser humano. O fato real da transformação no pensamento de Marx, e não apenas de suas descobertas lógicas, chocam aqueles para quem Marx é Deus. Era ele divino ou humano? Pois contra deuses e devotos o teste de humanidade é o de ser vinculado ao contexto, mutável e falível das opiniões. A visão humana reflete ambientes físicos, sociais e intelectuais. A visão humana muda no tempo — nós aprendemos e descobrimos. Os humanos erram em percepção, compreensão e predição. A visão de Deus é ilimitada, imutável e infalível — pode descobrir apenas o que já está nela. É também amoral pois não há nenhum modo de julgar a ética de Deus — é sua palavra que é o código moral. Esta é uma razão por que a mente humana tem designado deuses como anti-modelos da humanidade e mesmo os aspira por sua existência, como um abrigo final num mundo doloroso e instável de heterogeneidade e surpresa sem fim. Não houve muita mudança nisto através da revolução científica de nossos tempos.

Quando observando verdadeiros mestres do pensamento e ação, a grande tentação é imbuí-los com qualidades divinas. Certamente, pelo menos eles estão acima do ambiente, história, erro e pecado, oferecendo aos seus adoradores e intérpretes uma visão parcial de eternidade e uma ligação com o absoluto.

Para discutir a humanidade de Marx é provavelmente melhor começar com as interpretações de sua divindade. Enquanto explicação variada, a definição e explicação de Marx e do Volume I de *O Capital* foi profundamente enraizada na segunda Internacional.

A vitória política de 1917 tornou o Bolchevismo na interpretação mais influente do marxismo no mundo. Por volta de 1930, o stalinismo a simplificou e brutalizou—a num instrumento único de controle ideológico. Stalin estava certo e portanto Lenin estava certo e então Marx estava muito certo (ou mais ...). O que era apropriado politicamente como definido pela liderança infalível tinha se misturado com a verdade final e a ética indisputável da obediência. Uma vez que as "classes sociais antagônicas" fossem "abolidas" e o Partido comunista assumisse a liderança, os fatos gerais do avanço econômico produziram, inevitavelmente, o socialismo seguido pelo comunismo. Este modelo funcional de expressar legitimação produziu uma demanda ideológica poderosa pela unilinearidade como o único modo de explicação — um modelo inevitável de progresso definido por cada passo do regime mais progressivo na terra. Despotismo Oriental (ou sem dúvida qualquer modelo multilinear) não preenchia tais necessidades. Pior ainda, ele poderia ser e foi usado para castigar o próprio regime soviético por ser retrógrado. Em 1920 divertia-se com dois modos de esclarecer esses problemas: a) definir Despotismo Oriental como um estágio universal de desenvolvimento unilinear (seguindo o "comunismo inicial" e precedendo a escravidão) ou ainda, um sub-estágio da pré-classe das sociedades "arcaicas"; e b) omitir Despotismo Oriental totalmente como insatisfatório em termos acadêmicos⁵⁷. Stalin resolveu essas dúvidas passando por cima delas. O conceito de Despotismo Oriental foi eliminado por decreto, isto é, declarado a-marxista com as penalidades costumeiras.

Para os marxistas a oeste da Rússia, os anos de 1960 foram um período de fortes mudanças e reafirmações que começando com o Vigésimo Congresso do Partido Comunista Soviético e a rebelião húngara, culminou nas experiências de 1968: Saigon, Paris Washington, Praga e Pequim. Os primeiros escritos de Marx foram a grande descoberta daquele tempo⁵⁸. Os escritos diferiam acentuadamente de *O Capital* em suas preocupações imediatas, suas formas e sua linguagem de exposição. Mais especialmente, eles legitimaram a preocupação de muitos marxistas na era pós-Stalin, com indivíduos enfrentando sistemas de controle social e de repressão, tanto socialistas como não-socialistas. A discussão das

⁵⁷) Ver discussão, Marx. *Pre-Capitalist Economic Formations*, op. cit., (Introduction), pp. 60-2.

⁵⁸) Karl Marx, *Early Writings*, London, 1963.

determinações materiais e sociais da alienação humana oferecia um instrumento analítico principal e ainda potente para esclarecer algumas das principais questões da emancipação humana. É por esta razão que um texto alemão, não concluído e obscuramente escrito, tornou-se uma inspiração da geração dos radicais de 1968 na Europa Oriental e Ocidental.

Face a isto, a descoberta do Marx inicial tinha significado, simplesmente, a aceitação de que suas opiniões se desenvolveram e se transformaram. Curiosamente, foi a evidência real da heterogeneidade de seus escritos que proporcionou ainda uma nova distorção para a deificação de Marx. Uma "ruptura epistemológica" foi decretada em Paris, dividindo entre Marx de 1844 (jovem e parcialmente hegeliano) e marxismo, isto é, o verdadeiro pensamento de Marx (maduro e puro) — uma ciência totalmente nova e rigorosa dos homens⁵⁹. Marx estava por fim infalível: sua infalibilidade começou simplesmente em idade avançada. A imagem da "ruptura epistemológica", isto é, o salto de Marx para uma simultânea maturidade, cientificidade e santidade foi também usado para desconectar sua análise de seus objetivos e crenças. "Humanismo" foi declarado um conceito burguês, nada relacionado ao Marx maduro, isto é, o Marx científico e no melhor dos casos uma sobrevivência do pensamento pré-científico ao lado da ciência⁶⁰. O "Marx maduro" era não apenas absoluto em verdade mas a-moral.

A tarefa aos olhos dos proponentes desta Ciência dos Homens era maior elaboração e dedução das leis eternas e objetivas, descobertas nos escritos "maduros" de Marx. Para ter sucesso nessa proposta, devia-se ser simplesmente puro e distante do impacto

⁵⁹) L. Althusser e E. Balibar, *Reading Capital*, London, 1975. Para uma versão inglesa do mesmo ver B. Hindess e P. Hirst, *Pre-Capitalist Modes of Production*, London, 1975. O próximo passo ocorreu quando Althusser descobriu os traços Hegelianos em *O Capital* e então re-datou a plena "maturidade" de Marx para "A Crítica ao Programa Gotha", isto é, 1875 (quando Marx tinha 57 anos de idade). L. Althusser, *Lenin and Philosophy*, New York, 1971, pp. 93-4.

⁶⁰) Humanismo é o traço característico da problemática ideológica (que sobrevive ao lado da ciência). Ciência, como apresentada no melhor trabalho de Marx, significa um anti-humanismo teórico". Althusser e Balibar, *Reading Capital*, op. cit. p. 312 (tradução do glossário autorizada pelo autor).

contagioso da "ciência burguesa", isto é, de qualquer outra coisa. Isto é aonde, por trás dos debates filosóficos sobre as relações entre o pensamento de Hegel e Marx, uma face velha e feia parecia emergir. Pois, conseqüentemente, poderia haver apenas duas explicações verdadeiramente plausíveis de falha de predição baseada numa sabedoria absoluta: a) a má leitura do que está nas escrituras — causada pela rendição ao veneno da erudição burguesa (quer dizer, naturalmente, pseudo-erudição); e b) traição deliberada a serviço dos inimigos do povo. Nós sabemos quais eram as formas de retificação para cada uma dessas explicações. Nós deveríamos saber também por agora, quão imenso e auto-destrutivo foi o custo disso em termos do pensamento, da ação e do sangue socialista.

Uma outra forma mais sofisticada de "manter Marx na linha", foi proteger seu unilinearismo esquecendo temporariamente sua infalibilidade. Um livro interessante e muito erudito de Nikoforov fez apenas isto⁶¹. O autor discute, convincentemente, as tentativas de seus colegas na Rússia de dar menor ênfase à significância do Despotismo Oriental nos escritos de Marx. Ele passa então a destruir o conceito - Marx e Engels estavam simplesmente errados neste assunto. Os estudos de Marx sobre pré-história e das comunas camponeses russas e indianas fizeram com que ele visse por volta de 1879, algumas dificuldades com aquela idéia, mas ele ainda não a "superou". Então uma conclusão mais dramática explodiu. Sob o impacto de Morgan, nos últimos momentos de sua vida, Marx finalmente "a superou", rejeitando o Despotismo Oriental (e as teorias erradas do Estado associadas a este) para retornar ao unilinearismo, isto é, à crença na "Estrada da História" (*Magisralnaya Doroga*) a qual todas as sociedades deverão percorrer. A data da divina encarnação de Marx, isto é, quando ele, eventualmente, teve todas as coisas certas e finais, é 1881⁶². A prova disto está, novamente, não em Marx mas na revisão dos últimos escritos de Engels e especialmente de "As Origens ...", etc. Como uma prova secundária vem o fato de que nos rascunhos de Marx da "Carta a Zasulich" e em sua sinopse do livro de Morgan o termo "Despotismo Oriental" não apareceu. Um comentário de Marx relacionado ao estudo da Índia (no mesmo

61) Nikoforov, op. cit, pp. 113-35.

62) *Ibid.*, pp. 145, 149. Ver também, para discussão: Gellner, op. cit., do qual a expressão "data da encarnação" foi gratamente tomada emprestada.

caderno que contém as notas sobre Morgan), "esse tal Phear chama a organização da comuna rural feudal" é reproduzido mas é desconsiderado por ser inconclusivo. O fato de que Marx realmente fala de "despotismo central" ("centralizado" em outros textos) nos rascunhos de 1881 não é nem mesmo observado⁶³. Não há nada mais - uma reconhecida fraca evidência para o tamanho da afirmação feita. O "*happy end*" do retorno de Marx ao arcabouço unilinear nos faz recordar uma das estórias bem conhecidas do século dezoito sobre Voltaire no seu leito de morte retornando ao seio da Igreja Católica, o padre ao seu lado provendo evidência fiel para tal. As opiniões de Engels são, naturalmente, outro assunto.

Já é tempo para uma breve recapitulação. A última década da vida de Marx foi um período distinto de seu esforço analítico: um fato reconhecido, embora por diferentes razões, por um número constante e crescente de "*Scholars*". No centro disto estava o seu envolvimento com a sociedade russa, como uma fonte fundamental de dados e como um veículo de análise e exposição dos problemas de um tipo específico de sociedade que diferia estruturalmente do "caso clássico do capitalismo" sobre o qual o *Capital*, Volume I, foi baseado. Já no *Grundrisse* (1857-8) Marx assumia a multiplicidade de caminhos do desenvolvimento social nas sociedades pré-capitalistas. A interpretação não-consecutiva de Hobsbawm sobre isto como "três ou quatro caminhos alternativos" fora dos sistemas comunais primitivos", cada um começando numa área diferente, isto é, como "estágios analíticos, embora não cronológicos, em ... evolução, é importante aqui⁶⁴. Se aceita, é já muito mais sofisticada e realística do que seria qualquer simples modelo evolucionista. Marx mudou mais sua posição a partir de 1873-4, período de contatos extensivos com os "*Scholars*", revolucionários e escritos russos, mas mais clara e conscientemente também desde 1877. Marx chegou então a aceitar a multiplicidade de caminhos também dentro de um mundo em que o capitalismo existia e tornou-se a força dominante. Tal fato

63) Ver abaixo, p. 103. Parece que a única interpretação razoável da evidência é ainda a de Hobsbawm. "Não há pelo menos da parte de Marx - nenhuma inclinação para abandonar o 'Modo Asiático' ... e muito certamente uma recusa deliberada a reclassificá-lo como feudal". Marx, *Pre-Capitalist Economic Formations*, op. cit., p. 58 (Introduction).

64) Marx, *Pre-Capitalist Economic Formations*, op. cit., pp. 32 e 36-7 (Introduction).

significava: a) uma antecipação do futuro das histórias das sociedades como necessariamente desigual, interdependente e multilinear no sentido "estrutural"; b) a conseqüente inadequação do modelo unilinear "progressivo", tanto para a análise histórica como para os julgamentos políticos concernentes ao melhor caminho para a promoção da causa socialista; c) os primeiros passos para a consideração da especificidade das sociedades que chamamos hoje de "sociedades em desenvolvimento"; e, dentro deste contexto; d) a re-avaliação do lugar do campesinato e sua organização social nos processos revolucionários a surgir; e) um passo preliminar para olhar de modo novo e diferente para a coalizão da classe dominante e para o papel do Estado nas "sociedades em desenvolvimento"; e f) uma nova significância dada à descentralização do poder sócio-político dentro da sociedade pós-revolucionária em que o rejuvenescimento das comunas "arcaicas" pode desempenhar um papel importante.

Extraordinariamente, para um homem que morreu em 1883, o Marx daqueles dias estava começando a reconhecer, pelo que eles realmente são, a natureza, os problemas e os debates relativos às sociedades em desenvolvimento e pós-revolucionárias do século vinte. A expressão "neo-marxista", sempre usada para os que saíram de *O Capital*, Volume I, em suas interpretações relativas a "sociedades em desenvolvimento", é claramente mal concebida. A maioria do chamado "neo-marxismo", sempre tratado como original ou escandaloso, é o marxismo de Marx. Para entender o objetivo deste achado dever-se-ia rever as três gerações de cegueira conceptual dos adversários de Marx dentro das várias escolas de "modernização", como também os descendentes oficiais de Marx. O chão está agora sujo com o lixo das profecias que se bastam mascarando as necessidades históricas e as leis das Ciências Sociais, especialmente no que se relacionam ao campo. Entretanto, foi Marx que organizou os fundamentos para a análise global da "desigualdade" do "desenvolvimento", para o tratamento do campesinato não apenas como o objeto ou como matéria-prima da história, para a consideração do socialismo que é mais do que proletário, e mais. Sem dúvida a abordagem de Marx do campesinato russo, que ele nunca viu, apresentou-se no geral mais realística do que aquela dos marxistas russos em 1920 — testemunhas da Nova Política Económica. Sem idealizar o "*muzhik*", Marx mostrou mais sabedoria, mesmo no que concerne aos parâmetros ótimos de

coletivização - considere a Hungria, contemporânea. Pode-se continuar com exemplos.

Como o último estágio do pensamento de Marx se encaixa na sequência do seu trabalho? Assumir a verdadeira existência deste estágio é aceitar pelo menos três passos principais no desenvolvimento conceptual de Marx: o Marx inicial dos anos 1840, um Marx médio dos anos 1850 e 1860 (a expressão "maduro" passa despercebida na metáfora de um ponto mais alto a ser necessariamente seguido pelo declínio) e o Marx da última fase dos anos 1870 e 1880. Incompleto como o último estágio foi deixado por sua morte em 1883, era rico em conteúdo, estabelecendo os fundamentos para uma nova abordagem do capitalismo global, seus companheiros não tão capitalistas do cenário mundial e também os prospectos para o socialismo - questões e dúvidas que nossa própria geração chegou a reconhecer como próprias. Aceitar isto é corrigir um registro concernente ao pensamento de Marx. É também demolir a possibilidade real de salvar a estatura sagrada de Marx fazendo-o, ou uma parte dele, em um "icon" (imagem sagrada). Divisões rígidas em estágios não serão feitas; ele sempre retornava a uma parte inicial do estudo para retrabalhá-la e/ou incorporá-la numa nova forma, por exemplo, a re-emergência de elementos de análises da consciência na *Ideologia Alemã* (1845-6) na discussão do fetichismo da mercadoria em *O Capital*. Volume I (1867) ou a clara relação entre a discussão de camponeses e comuna rural no *Grundrisse* (1857-8) e os rascunhos da Carta a Zasulich (1881). Mas ainda há tempo para se livrar da sempre recorrente estupidez da discussão de uma sintética visão de Marx, enquanto desconsideram-se algumas décadas de trabalho e pensamento intensivos entre duas citações, só para descobrir com alegria ou desespero "contradições". Ele podia estar errado, mas por Deus, ele não poderia ser a-marxista. Admitir a especificidade do último Marx é (também) ver Marx em sua criatividade.

Finalmente, tal interpretação do último Marx sugere que o desenvolvimento em seu pensamento não era nem eclético nem do tipo zig-zag oferecido por Nikoforov: unilinearismo e depois alguma outra coisa (não muito certo do que) daí então, volta ao unilinearismo. O movimento parece muito mais consistente: havia (i) uma versão sofisticada de unilinearismo com suposições "materialistas" e dialéticas formando uma parte disto; (ii) multilinearidade pré-capitalista (bilinearidade?) com a suposição de que o capitalismo irá resolver tudo isto; e (iii) a aceitação da

multilinearidade também dentro do mundo dominado pelo capitalismo (e impregnado pelo socialismo) de dependência mútua, sem dúvida, de heterogeneidade resultante dessa verdadeira interdependência.

Tais considerações nos conduzem à penúltima questão: Marx era humano? Colocá-lo de forma diferente é começar a partir da "multi-dimensionalidade da teoria de Marx que leva todos menos os retardados ou preconceituosos a respeitarem e admirarem Marx como um pensador mesmo quando não concordam com ele"⁶⁵, e para adicionar a isto, nós estamos tratando aqui do assunto não apenas em lógica pura. Marx é único em seu esforço pessoal, posição ética e análise intelectual. Ele mostrou tenacidade extraordinária e excepcional flexibilidade de mente. Quando, e de que forma?

Desde 1847, e através das experiências de derrotas políticas, lutas facciosas, esperanças que foram perdidas, a extrema privação pessoal, Marx nunca se desviou dos objetivos de servir à revolução socialista do modo como ele a via, quando jovem. Em termos humanos houve o inverno de 1863 quando subalimentado, com o aluguel para pagar, a esposa doente, as filhas fora da escola porque os seus calçados de inverno estavam "no prego", Marx continuava com sua pesquisa e ação política. Houve mais invernos semelhantes a esse mas Marx levantou-se rápido, recusando uma variedade de ofertas "opções suaves", por exemplo, aquelas de um jornalismo semi-governamental e bem apoiado. Tais detalhes biográficos são inexplicáveis em termos de "lógica pura", mas eles têm uma lógica própria sem a qual a vida de Marx não teria feito muito sentido.

A um nível mais teórico os escritos iniciais de Marx são não apenas chaves para os seus sonhos pessoais e insurreição contra a opressão humana mas, também, para a sua Antropologia Filosófica, suas idéias sobre a essência do ser humano. Oferecem ainda a única base objetiva disponível para a ética socialista alternativa, seja para a simples prática política, isto é, a linha do partido como definida por um líder atual ou para a teologia - uma questão que requer especial atenção porque é pouco considerada no pensamento socialista. Pois esta não é apenas uma questão de bom espírito e

⁶⁵) Marx, *Pre-Capitalist Economic Formations*, op. cit. (Introduction), p. 16.

discurso imparcial, mas de ação política e dos socialismos realmente existentes (lembrem-se da Polônia).

Embora claramente impaciente com a sentimentalidade banal, Marx era um humanista e um herdeiro da cultura do Iluminismo, na qual ele foi formado. Sua formação acadêmica foi um instrumento escolhido por ele a serviço de um grande projeto ético de liberação da essência humana de sua alienação, causada pelo domínio da natureza, como também pelos mundos feitos pelos homens das sociedades divididas em classes. A prova maior deste lado de Marx está em seu não menos claro apelo hoje, que é afinal, não como uma adoração da mesa da multiplicação. Purificar o Marx "maduro" da ética filosófica do jovem Marx, dividir aspectos de seu pensamento em caixas separadas, ou se envergonhar em "seu nome" de requerer o conteúdo moral do socialismo, é prestar-lhe, sem dúvida, "honra demais" (pelo código da prática de outros) e "injúria demais" (pelo próprio código dele)⁶⁶.

Deuses permanecem imutados pelo processo da criação e, como foi dito, podem pensar apenas neles próprios. Se metáforas devem ser usadas, Marx não era um Deus mas um mestre artesão. Artesãos mudam a matéria enquanto se modificam eles próprios no processo de criação. Também, se um artista é realmente, "um homem que pensa mais nele do que em seu objeto", Marx era um profissional em suas habilidades analíticas e, portanto, auto-crítico ao extremo. Ele foi sempre crítico e rigoroso em seus comentários e polêmicas, mas para um homem tão admirado por seu próprio círculo, ele era notadamente livre de auto-deificação.

Esta é, com toda probabilidade, a origem do longo silêncio público durante a última década da vida de Marx. Ele estava sofrendo, mas ele nunca tinha sido um homem sadio. Ele estava cansado e algumas vezes deprimido pela baixa intensidade do período revolucionário pós-1871 na Europa mas, também, fadiga e derrotas não eram novidades para ele. Ele trabalhava nos outros volumes de *O Capital* mas fez, justamente, pouco a esse respeito. Os biógrafos têm re-escrito, credulamente, a nota de Mehring de que a última década de Marx foi "morte-lenta", deixando de reconhecer que mesmo Mehring descrevia tal fato (antes de 1882) como

⁶⁶) A citação é das próprias palavras de Marx em defesa própria contra uma interpretação unilinear de seus escritos. "Carta a Otechestvennye Zapiski (1877-8)". Ver Parte Dois (do livro).

"flagrantemente exagerado"⁶⁷. A descoberta subsequente de 30.000 páginas de notas escritas em 10 anos, assim como a qualidade do trabalho feito por ele, militavam contra as notas preocupantes sobre a perda de poderes de Marx. No período diretamente seguinte à publicação do Volume I de *O Capital*, Marx enfrentou comentários críticos e um crescente influxo de "dados intratáveis" que não se enquadravam plenamente e tinham que ser digeridos. Ele estava repensando intensivamente, uma vez mais, suas construções teóricas e se dirigindo para novos campos. Falta de lucidez e uma "caneta pesada" são sempre o preço da intensidade num esforço de abrir caminhos. Deve um "*Scholar*" seja doente ou senil não "se apressar em editar", enquanto ainda descobrindo novas fronteiras teóricas"?

Para concluir, não havia nem "ruptura epistemológica" no pensamento de Marx, nem declínio, ou recolhimento mas transformação constante, desigual como são tais processos. Sua última década foi um salto intelectual encurtado por sua morte. Marx era um homem tanto de intelecto quanto de paixão por justiça social, um revolucionário que preferia revolucionários a seguidores doutrinários. As tentativas de separá-lo como verdadeiramente científico, o Marx exterior e a-moral do Marx o "*Scholar*", o lutador e o homem, são tão fúteis quanto falsas. É por isso que não se deveria "ler *O Capital*" mas ler Marx (incluindo-se *O Capital* e também Goethe, Heine e Esquilo, que eram admirados por Marx e junto com a fábula de Prometeus, tornada parte da vida dele. Para reverenciar o maior "*Scholar*" revolucionário nós deveríamos vê-lo, como ele era, contra as caricaturas e "*icons*" desenhados por seus inimigos e seus adoradores. Conheçê-lo é vê-lo mudar e ver em que sentido ele não mudou. Estar ao seu lado é lutar para herdar dele o melhor nele - sua compreensão de novos mundos que surgiam, sua faculdade crítica e auto-crítica, a implacável honestidade de seu artesanato intelectual, sua tenacidade e sua paixão moral.

67) F. Mehring, *Karl Marx: The Story of his life*, London, 1936 (primeira publicação 1918), pp. 501, 526. Para um exemplo de recente repetição dessa opinião ver o cap. 8 de D. Mac Lellan, *Karl Marx: His Life and Thought*, London, 1977, do qual a nova geração de estudantes anglo-saxões estão aprendendo sobre Marx.

RAÍZES Nº 4-5

JAN. 84/DEZ. 85

PROBLEMATICA
AGRÁRIA

REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E ECONÔMICAS

SUMÁRIO

ARTIGOS

Kostas Vergopoulos: Capitalismo e alimentação	5
Manoel Correia de Andrade: A seca e o combate aos fatores desestabilizadores da economia agrícola do Nordeste	33
Gian Marjo Giuliani: A renda da terra: um impasse na teoria	39
Yves Chalout: Uma política de legitimação do Estado e rearticulação da pequena produção rural: o Projeto Nordeste	61
Clemilda Maria de O. de Sousa: Movimento operário e luta pela terra em Pernambuco	101
Paola Cappellin Giuliani: Reflexões sobre o projeto de reprodução entre assalariados	123
René L. de Carvalho & Eulália E. Cardoso: Frentes modernizantes na agricultura paraibana	141
Jean-Charles Szurek: Crise agrícola e sindicalismo rural na Polônia	155

PESQUISAS ASSOCIADAS: Mudança sócio-econômica do Cariri Paraibano	167
--	-----

Ghislaine Duqué: Estrutura fundiária e pequena produção	168
Maria Cristina de M. Marin: Migração sem urbanização	197
Ramón Peña Castro: A política de reflorestamento no Semi-Árido paraibano	204

NOTAS, COMENTÁRIOS E INFORMAÇÕES

César Garcia: Posições atuais em torno da reforma agrária	213
Mestrado em Sociologia Rural: Abstracts das dissertações defendidas	217

RESENHAS BIBLIOGRÁFICAS

C. Garcia; H. F. Aguiar Filho; J. C. Moreira Filho & M. A. Seara: A questão agrária e a SUDENE. (E. Troccoli & G. Duqué)	229
L. C. B. Pereira & Y. Nakano: Infação e recessão. (M. L. Malaguti)	233
E. Mandel: Marxismo abierto. (M. L. Malaguti)	237
J. Camilo de Melo: A lavoura canavieira e a expansão do capitalismo britânico em Pernambuco (M. Zaidan F.)	239